

# **Práticas educomunicativas e multiletramentos: pontos de contato e aplicação na era digital**

Ana Paula Guimarães

## **Introdução**

O advento da internet e todo o aparato a esta inerente tem criado gerações cada vez mais conectadas em tempo real com tudo e todos de modo que o fluxo de informação apresenta-se de forma abundante e ultra rápida. Tal conexão tem propiciado o aparecimento de múltiplas formas de interação, comunicação e negociação de sentidos. Assim, a partir do final dos 1980, o modo de vida mudou em todas as esferas da atividade humana, principalmente na academia. Não é de se estranhar que também a partir desse momento, manifestaram-se diversas perspectivas teóricas acerca do letramento crítico. Nesse trabalho, entende-se por letramento não somente o ato de ler e escrever, mas principalmente, a habilidade de se dispor da leitura e da escrita para adquirir e ampliar conhecimento, desenvolvendo as próprias potencialidades e, partir daí, participar ativamente da e na sociedade. Para obtermos semelhante re-

sultado, é necessário que procedamos a uma abordagem baseada na análise crítica e na agência de professores e alunos com relação não somente a textos como também às práticas sociais, bem como as relações de poder envolvidas nessas interações cotidianas. Assim sendo, entende-se por letramento crítico uma série de princípios educacionais para o desenvolvimento de práticas discursivas de construção de sentidos, que “incluem uma consciência de como, porque, e segundo os interesses de quem, textos em particular podem funcionar. Ensinar letramento crítico, assim, consiste em encorajar o desenvolvimento de posições e práticas de leitura alternativas para questionar e criticar textos e suas formações e hipóteses sociais. Letramento crítico pressupõe, também, desenvolver estratégias para falar sobre, reescrever e contestar textos da vida cotidiana.” (LUKE e FREEBOBY, 1997 p.218).

Em se tratando da era das tecnologias digitais da informação e comunicação, o termo letramento não dá conta da multiplicidade de textos que nos são disponibilizados, haja vista que as interações sociais estão intrinsecamente relacionadas à multimodalidade, uma vez que os textos produzidos atualmente envolvem uma série de variedades, contando com recursos gráficos, espaciais, visuais e de áudio. Em contrapartida, considerando a atualidade, o termo “Multiletramentos” torna-se mais adequado e a relevância dos multiletramentos se pauta no fato de que, no mundo em que vivemos hoje, é fundamental que se leve em conta novas formas de se educar, considerando que a mentalidade do sujeito contemporâneo, ou pós-moderno, cada vez menos se enquadra puramente no modo tipográfico Castells (1999), mas principalmente no rizomático, Deleuze & Guattari (2009). Contudo, apesar da aparente expansão digital, estamos muito longe do que podemos chamar democracia digital, pois nem todos têm acesso aos meios de comunicação, ainda menos acesso a produção e propagação da mesma. Dessa forma, não somente as linhas teóricas ligadas ao multiletramentos, como também um novo paradigma na interface comunicação/ educação: a educomunicação têm procurado, a partir das últimas décadas dos anos 1980, soluções para um sistema educativo mais democrático e efetivo a todos.

No Brasil, aproximadamente 20 anos antes Paulo Freire já discutia a necessidade de se criar uma pedagogia que transcendesse o método, buscando uma

educação na práxis em contraposição a uma educação desvinculada da realidade, desenvolvendo, assim, uma epistemologia da educação. Contudo seu projeto foi interrompido pela ditadura instituída em 1964, de modo que as discussões acerca de suas ideias somente foram retomadas a partir dos anos 1980 e início dos anos 1990 por diversos estudiosos, dentro e fora do Brasil, dentre estes Monte Mór, Menezes de Souza, Olson, Torrance e Elias no âmbito dos Letramentos; e, Soares, Pinto, Teixeira, Martín-Barbero, Huerco no domínio da Educação pelos meios/ Literacia Midiática e ou Educomunicação (Soares, 1999). Educomunicação, termo cunhado pelo NCE, que é um conceito em construção com premissas já bem definidas, como “um conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a: ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas; e, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, que, segundo Martín-Barbero (1998 e 2002), na era digital, materializa-se na relação das novas gerações com a tecnologia.” Segundo Soares (1999), educadores latino-americanos são “dedicados preferencialmente (e às vezes simultaneamente) a seis grandes subáreas: pesquisa, educação para a comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão da comunicação no espaço educativo, produção cultural e uso dos meios na educação para a cidadania.”

Esses profissionais são ainda, em sua maioria, “coordenadores e agentes culturais, facilitadores da ação de outras pessoas (professores ou alunos), preocupados em que estes possam elaborar os materiais a partir de suas necessidades e interesses, tornando-se eles próprios produtores do conhecimento. Denota-se uma preocupação com a democratização do acesso à informação, utilizando-se a atuação profissional como meio para a formação de valores solidários e democráticos, para a transformação do ambiente em que vivem.” Soares (1999).

Observada essa breve descrição, apresento o objetivo desse estudo que consiste em mostrar os pontos de contato existentes entre Multiletramentos e Educomunicação, e a sua aplicabilidade na era digital, já que ambos refutam a rigidez

da estrutura escolar tradicional, não somente como forma de equiparar a praxe escolar à realidade dessa geração, mas como forma de promoção da justiça social a democratização dos meios de comunicação, construção e propagação de conhecimento.

### **Paulo Freire, brasileiro pioneiro no pensamento emancipador**

Nos anos 1960, Paulo Freire desenvolveu uma pedagogia pela qual alfabetizava adultos a partir de seus saberes prévios, percebendo a necessidade de uma abordagem situada para que o novo conhecimento – leitura e escrita – pudesse ser assimilado com maior facilidade por seus aprendizes. Esse processo foi descrito por ele como Educação Libertadora que se contrapunha ao que ele denominou Educação bancária (1971). De acordo com Freire (1971), a “Educação libertadora” é aquela que por não implicar a existência de uma separação rígida entre educador e educando, abre espaço para o diálogo, a comunicação, o questionamento e reflexão sobre o estado atual de coisas e, acima de tudo, busca a transformação. Segundo esse conceito, o educador aprende enquanto ensina e o educando ensina enquanto aprende. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Já a sua contraparte, a “Educação Bancária” pressupõe uma relação vertical entre o educador e educando. O educador é o sujeito que detêm o conhecimento, pensa e prescreve, enquanto o educando é o objeto que recebe o conhecimento, é pensado e segue a prescrição. O educador “bancário” faz “depósitos” nos educandos e estes passivamente os recebe. A maior crítica de Freire a essa concepção de educação é que esta tem como propósito, intencional ou não, a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e que se submetem à estrutura de poder vigente. “É o rebanho que como uma massa homogênea, não projeta, não transforma, não almeja ser mais.”

Esses conceitos freireanos possibilitaram o aprofundamento das discussões acerca de uma humanização na educação, que incluísse a democratização dos bens culturais. E tais discussões originaram campos proeminentes de estudo, tais como os Multiletramentos e a Educomunicação, ambos considerados por seus respectivos teóricos, domínios que iluminam e dialogam com as diver-

nas áreas do conhecimento, possibilitam a abertura de espaços para o diálogo franco e democrático e propõem o rompimento com as estruturas rígidas dos ecossistemas definidos.

## **A proposta dos Multiletramentos**

Segundo Duboc (2012), as propostas dos Multiletramentos incluem educação situada, a heterogeneidade, a multimodalidade, a estranheza ou dúvida como ponto de partida da crítica, agência do aluno e ausência de modelos preestabelecidos.

A educação situada consiste no fato de que um educador em suas abordagens didáticas precisa levar em consideração o que os estudantes sabem e, a partir dessa informação, ensinar o novo. Desse modo estará entendendo seus alunos como sujeitos do processo de ensino/ aprendizagem e não apenas um receptáculo de informações. Acredita-se que para que haja uma educação edificante o saber deve ser contextualizado e partir dos aprendizes.

Priorizar a heterogeneidade significa aceitar que as diferenças existem e devem ser consideradas para que não se sobrejulgem os saberes de alguns em prol da valorização dos saberes de outros. Há heterogeneidade, ainda, no que diz respeito ao ritmo de cada um, bem como o tempo em que cada estudante precisa para apreender determinada informação.

Ter em vista a multimodalidade é importante, principalmente se considerarmos ao fato de que vivemos em plena era digital, portanto, precisamos preparar os aprendizes para lidar com textos que não são apresentados na forma escrita, uma vez que mais que leitura, propriamente dita, é necessário saber interpretar imagens, hiperlinks, sons, movimentos e etc. a fim de construir sentido do mundo que nos cerca.

Uma educação que leve em conta a estranheza ou dúvida como ponto de partida propicia aos estudantes a capacidade de refletir sobre conceitos que lhes são apresentados, questioná-los, criticá-los e, se for o caso, combatê-los, entendendo que, é possível discordar do *status quo* e resisti-lo.

A agência, no sentido de ação no mundo, segundo os Multiletramentos é fundamental para o processo de construção de conhecimento. O aprendiz aprende

derá de forma mais significativa se participar ativamente do processo de ensino/aprendizagem.

Admitir a ausência de modelos preestabelecidos no processo é reconhecer que no processo de ensino/ aprendizagem, como em todas as esferas da atividade humana, não é possível estar no controle de tudo. É necessário entender e aceitar que às vezes as coisas não saem do jeito que planejamos e, o principal, nesse caso, é saber agir nessas situações. No tocante a esse ponto, vale lembrar o conceito de “Epistemologia de Performance” de Lankshear e Knobel (2003) que consistem em um conjunto de “práticas e saberes que refletem uma gama de estratégias para montar, editar, processar, receber, mandar e trabalhar com informação de dados de modo a transformar recursos diversos da “digitália” em coisas que funcionam.” Monte Mór (2007, pp. 32-33). O que significa que viver em um mundo onde as interações são pautadas no uso de tecnologias digitais que estão em constantes mudanças requer aprender a agir na ausência de modelos pré-existentes.

### **As Propostas da Educomunicação e suas Áreas de Intervenção**

Educomunicação é um paradigma em construção, porém seus princípios e práticas são claramente estabelecidos, entre estas o fato de que Educomunicação não é Educação e nem Comunicação, mas um terceiro elemento, oriundo da interface Comunicação/Educação; presença na comunidade, interdisciplinaridade; e formação e atuação em “ecossistemas comunicativos” Martín-Barbero (1998).

Segundo Soares (2002) Educomunicação pode ser praticada apenas pelo educador que por sua vez é um profissional:

“consciente que uma educação “de massa” e “multicultural” situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares; que vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações;

que está convencido que a uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar sentido; que sabe que, quando ele introduz os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do “poder” econômico e ético (político) que os produz, das “montagens do discurso e da cena” que constrói as mensagens e da audiência que lhes dá “sentido”; que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado); que aceita que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: em particular, ele pode, a partir das emoções provocadas pela televisão, trabalhar sobre diversas “abordagens do real” e construir progressivamente um pensamento rigoroso.” (JACQUINOT, apud. SOARES, S/D p.12)

Ao contrário dos Multiletramentos, suas propostas não se restringem aos âmbitos da educação formal e informal e da academia, mas subdividi-se, segundo Soares (2017) em pelo menos oito áreas de intervenção, a saber: Educação para a Comunicação – Leitura Crítica da Comunicação; Mediação Tecnológica na Educação; Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos; Reflexão Tecnológica sobre a Interrelação Comunicação/ Educação - o Agir Educomunicativo; Expressão Comunicativa por Meio das Artes; Pedagogia da Comunicação; Produção Midiática e Educomunicação Socioambiental. Há diversos projetos e iniciativas educacionais acontecendo nessas diversas áreas, promovendo diálogo aberto, franco e democrático a fim de se chegar a melhor forma possível aos resultados esperados: democratização do acesso dos recursos de informação e comunicação para expressão, fruição e produção criativa e comunicativa.

Como a Educomunicação se trata de um paradigma em constante crescimento que dialoga com os diferentes campos do conhecimento, há, sem dúvidas, possibilidades de surgimento de outras mais áreas de intervenção.

## Considerações Finais

Conforme apresentado nas linhas acima, os estudiosos de áreas Multiletramentos e Educomunicação admitem que estas consistam em paradigmas em construção que iluminam e dialogam com as diversas áreas do conhecimento, o que significam que ambos são atravessados por distintas linhas epistemológicas. Ambas postulam que educação se pauta na reflexão, no diálogo e na prática social, têm como “patrono” Paulo Freire e buscam a justiça social por meio da democratização dos meios de Informação e Comunicação, levando-se em conta a necessidade de disponibilizar não somente o acesso a esses meios para todos, como também emancipá-los, de modo que possam produzir informação e comunicação. Nesse processo, são consideradas as tecnologias analógicas e digitais da informação e comunicação. Assim sendo, salvaguardadas as especificidades de cada paradigma, durante o curso *Educomunicação: Fundamentos, Metodologias e Áreas de Intervenção*, no programa de pós graduação da área da Educomunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, foi constatada, por meio da seleção dos textos e discussões que estes suscitaram, a existência de pontos de contato bastante pertinentes entre minha linha de pesquisa – Multiletramentos – e a Educomunicação.

Como educadora, me identifiquei com os estudos acerca dos Multiletramentos justamente porque estes defendem que a relação professor-aluno deve ser horizontal, pautada num diálogo franco, aberto e democrático e que a postura de um professor deve ser a de um profissional aberto a escuta. A mesma premissa foi verificada com relação ao educador. Além disso, o curso supracitado me possibilitou descobrir uma profunda identificação com a Educomunicação, uma vez que, me simpatizo com as características observadas, por Jacquinet, nos educadores, já que, mesmo antes de conhecer a abordagem educacional, sempre procurei aplicá-las em minha prática pedagógica. Pode-se dizer assim que a praxe de um educador que prioriza uma abordagem respaldada nos multiletramentos tem muito em comum com a dos educadores.



Desse modo podemos concluir que há fortes relações entre o que pratico em sala de aula e o que um educador realiza nos diversos ecossistemas comunicativos que se inserem e constroem, visto que sou consciente de que uma educação “de massa” e “multicultural” situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares;

Vejo nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo;

Estou convencida de que a uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que posso ajudar meus alunos a relacioná-los para construir conhecimento e sentido;

Sei que, quando introduzo os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do “poder” econômico e ético (político) que os produz, das “montagens do discurso e da cena” que constrói as mensagens e da audiência que lhes dá “sentido”;

Aceito um novo referencial para a relação educador-educando: meu aluno pode me ensinar (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado);

Aceito que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: podendo, a partir das emoções provocadas seja pela televisão, cinema, postagem ou música trabalhar sobre diversas “abordagens do real” e construir progressivamente um pensamento rigoroso.

E, acima de tudo, entendo a práxis como reflexão + ação cuja finalidade é ampliar as possibilidades de acesso pleno aos meios de informação e comunicação a todos, de modo que se entenda por pleno a capacidade de acessar, fruir, produzir comunicação e principalmente, entender as relações de poder por trás de seus meios.

## Referências

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia** Penguin Classics, trad. Robert Hurley, Mark Seem and Helen R. Lane, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

DUBOC, A. P. Tese de Doutorado disponível em file:///C:/Users/Anny/Downloads/2012\_AnaPaulaMartinezDuboc\_VCorr.pdf (Consultado em 08/10/2018)

FREIRE, P. “Educação Bancária e Educação Libertadora” IN: **Introdução à Psicologia Escolar**. PATTO, M. H. org. São Paulo: T. A. Queiroz, 1971.

LUKE, A., and FREEBODY, P. ‘Shaping the social practices of reading’. In: S. Muspratt, eds. **Constructing critical literacies: Teaching and learning textual practice**, p.218. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. “La educación desde la comunicación.” IN: **Enciclopédia Latino Americana de Sociocultura y Comunicación**, 1º Ed. Buenos Aires: Grupo editorial Norma, 2002.

MONTE MÓR, W. **Linguagem Digital e Interpretação: perspectivas Epistemológicas** IN: *Linguística Aplicada*. Campinas, 46(1): 31-44, Jan./Jun 2007.

SOARES, I. **Alfabetização e Educomunicação**: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de Jovens e adultos ao longo da vida, disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf> (Consultado em 08/10/2018)

\_\_\_\_\_. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. **Contato**, ano 1, n.2, Brasília, jan/mar., 1999.

SOARES, I; VIANA, C.; XAVIER, J. **Educomunicação e suas áreas de intervenção**: novos paradigmas para o diálogo intercultural, disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4257613/mod\\_resource/content/5/Livro%20Educom.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4257613/mod_resource/content/5/Livro%20Educom.pdf) (Consultado em 08/10/2018).